Aveiro, 24 de Fevereiro de 1962 * Ano VIII * N.º 383

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

O «TIDE» na TV

Por JORGE MENDES LEAL

O leitor, que tanto tem sofrido, deve estar recordado do ambiente de verdadeira euforia nacional em que decorreu, aqui há uns anos, o lançamento do famigerado folhetim dos pós. *Foi coisa digna de se ver. Meio Portugal ficou de lágrima no olho e coração aos pulos, quase se receando que os dois expoentes máximos da neo-cultura lusiada — o futebol e o fado — tivessem de ceder lugar à nova parvoiçada triunfante.*

Tal não aconteceu, porém. O jogo da bola continua a ter os seus milhares de adeptos; e as várias Márcias ou Amálias, mais ou menos condecoradas pelas entidades competentes, prosseguem na sua louvável missão educacional e civilizadora, servindo-nos a excelsa música de Alfama em ágeis reviravoltas de gargantas, com belos versos de Linhares Barbosa. Quem diz Linhares Barbosa, diz outros vates de idêntica nomeada e semelhante estatura poética.

Do mesmo passo, o tide *entrou em eclipse como detergente absoluto e rádio-romance monopólico. As donas de casa podem, hoje, encontrar no seu fornecedor habitual um rol de produtos que lavam branco; e a telefonia despeja no ar, a toda a hora, duma vez ou a prestações, um sempre renovado sortido de boas historietas sentimentalonas. Só o nome ficou. E já não se usa, apenas, para rotular uma reputada embalagem de pós branqueadores. A palavra, transcendendo-se, passou a definir preferivelmente um surto de imbecilidade estereotipada, característica, logo reconhecível entre as muitas e diversas florações da asneira universal.*

Não há dúvida. O tide *ganhou miolo, textura, contorno, acabamento de obra tipicamente portuguesa — na linha, aliás, de outras realizações tão formosas como os Festivais da Canção da Emissora Nacional, os filmes do sr. Artur Duarte e as óperas do sr. Rui Coelho. Talvez por isso, pensou-se que chegara o momento de sacar o genial invento da obscuridade dos emissores particulares, trazendo-o, com roupas domingueiras, para um palco de maior amplidão e*

Continua na página 3

Crónicas da Sempre Leal e Invicta Cidade

AMOR... NAMORO e CASAMENTO

nos costumes do Porto de há um século

por MANUEL LAVRADOR

VOLTANDO a guiar-me pelo que Alberto Pimentel escreveu, apresento mais uma faceta do panorama social do Porto, há um século, aproximadamente: a vida mundana da cidade.

Anos antes — pode dizer-se — o mundanismo escandaloso não dava sinais de existência. A corteză *de escada acima, «a cocotte»*, que já em Lisboa vestia das melhores modistas, passeava de carruagem e frequentava lugares públicos, como as damas honestas, no Porto, segunda capital do País, não gozava de aceitação. Era repudiada, em todos os meios sociais. A pureza dos costumes da gente portuense não deixava contaminá-los com a corrupção da imoralidade. Só o decorrer do tempo, com a convivência de estranhos e a ordem natural da vida, isso permitiu... Assim, anos depois, apareceu, na cidade, a primeira *corteză* da corte atrevida da devassidão. Residindo, com duas irmãs, na Rua do Almada, provocou essa *corteză* um escândalo enorme com as suas relações com um muito conhecido titular e por se ter com ela desafrontado, em público, a esposa deste, dama muito conhecida e estimada, na melhor sociedade.

As três irmãs eram bonitas, audaciosas e fizeram *andar à roda* as cabeças de muitos indivíduos.

Sem fortuna e trajando ricamente, exibindo caros vestidos de fina seda, jóias das mais belas e calçando do melhor sapateiro do Porto, apareceu também, nas ruas da cidade, uma provinciana, que abandonara o marido. Era esbelta e fascinante. Sob o chapéu, sempre de fino modelo, exteriorizava um sorriso provocante a dar-lhe graça e a inspirar simpatia... Quando se encontravam, os homens do Porto, velhos e novos, falavam dela, em conversas maliciosas e todos a cobiçavam. Mas, talvez por saber isso, só se entregava por alto preço... Den-

Continua na página 2

Carta de Lisboa

alinhavos

por GONÇALO NUNO

O rapazito era esperto. Era meu subordinado e estava a fazer-se ajudante de electricista na divisão técnica para que o havia transferido. E ali medrou e se musculou.

Já depois de haver regressado da tropa, um dia pediu para ir ao meu gabinete expor-me um assunto: se eu lhe indicava alguém que lhe ensinásse inglês. Fiquei surpreendido, louvei-lhe essa intenção de se valorizar e nesse próprio momento, pelo telefone, resolvi-lhe o problema e ainda acabei por lhe emprestar o que me restava dos livros escolares de inglês.

Ainda não haviam decorrido quatro meses quando pediu de novo para eu o receber. Vinha devolver-me os livros e agradecer-me. Fiquei tão surpreendido como da primeira vez e ele então explicou-me que aquele pouco que aprendera já lhe era suficiente para se «desenrascar». Ia para o Canadá. Não o encorajei nem o desencorajei; apenas lhe dei alguns conselhos que julguei oportunos. E, meses depois, lá foi o rapaz integrado num lote de jovens como ele.

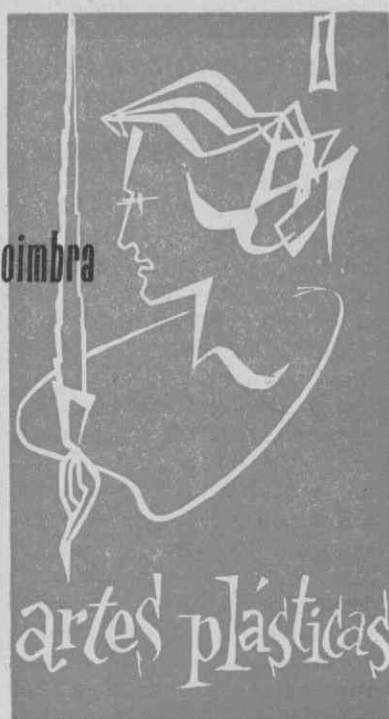
Apareceu-me há semanas, decorridos seis anos, para me saudar e, evidentemente, para mostrar, orgulhoso, a sua interessante esposa canadiana e o seu avantajado Plymouth. Viera passar o Natal e mostrar a sua terra à consorte. E ela, apesar

Continua na página 2

Mestre WALDEMAR da COSTA

trouxe a Aveiro o fruto do seu trabalho no Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra

artes plásticas

ENTREVISTA DE GASPAR ALBINO

NUM centro cultural como é Coimbra, já há muito se sentia a falta da existência dum centro de artes plásticas. As iniciativas nesse sector não tinham continuidade, dado que não passaram de meros rasgos mais ou menos individuais e desgarrados. Da ausência dum *atelier* colectivo muito se falou. Mas foi só há três anos que um núcleo de moços artistas conseguiu levar a ideia avante criando uma nova secção da Associação Académica de Coimbra: o Círculo de Artes Plásticas. E foi numa salita, na antiga Rua Oriental de Montarroio que começaram a trabalhar, entre outros, Joaquim Tomé, Mário Silva, Topi, Joaquim Mira Coelho, Rasteiro, Augusto Mota, Caldeira, Vilar. As condições deficientíssimas não os fizeram desalentar; e foi assim que, passados tempos, mercê da boa-vontade do Professor Reis Santos, o Círculo se passou com armas e bagagens para o Museu Machado de Castro.

No decorrer destes três curtos anos de vida que tem o Círculo, já muito se fez: perto de setenta exposições colectivas e individuais; colóquios, conferências, trabalho formativo de aptidões inexploradas.

É certo que muito se deve à Fundação Gulbenkian, que, desde início, soube acarinhar o Círculo com apoio material. Ao Prof. Doutor Ferrer Correia e ao Dr. Azeredo Perdigão se ficou a dever a vinda dum mestre competentíssimo: WALDEMAR DA COSTA; os subsídios concedidos para material, exposições e mobiliário; por último, a sede própria.

★

Há dois anos que os rapazes do Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra estão a ser

Continua na página 3

PÃO NOSSO DE CADA DIA

— Docemente embalados pelas águas da Ria, Homens e Coisas repousam entre duas safras; o Mar espera-os, generoso mas inclemente, tão pronto a dar o pão de cada dia como a tragar, nas profunduras, os que, toda uma vida, devotadamente se lhe oferecem em holocausto resignado e humilde.

JORGE CALDAS

Crónicas do Porto

Continuação da primeira página

tro de pouco tempo, tornou-se conhecida, por despertar as atenções — até as femininas — com um espalhafatoso luxo.

Dizia-se: *«Quem cabras não tem e cabritos vende»*... Este adágio estabeleceu desconfiança, levando a descobrir-se a sua vida de perversão, em disfarçado adultério. Pouco tempo depois, outra *«cocotte»* de Lisboa e vestindo também ricamente, na última moda, veio assentar arraiais no Porto. Passeava de carruagem e, em seguida, *deitava a rede*... No pouco tempo que se demorou no burgo portuense, contribuiu para o desenvolvimento da sua classe, que assim começou a dar seus frutos... Depois... outras apareceram... Foi aumentando o número dessas mulheres e hoje é grande e constitui uma fonte de receita *do comércio* e *da indústria* da cidade.

Naqueles tempos, havia uma grande parte da população, respeitante à mocidade sã, que não era contaminada pelo vírus corrupto e se envergonhava, quando lhe falavam daquelas mulheres.

As relações entre os dois sexos da gente nova existiam com cordialidade e primorosa educação, entre namorados, algumas vezes contrariados por interesses e preconceitos familiares, contrariedades estas que levavam as filhas dos ricos a casarem com os filhos de outros igualmente ricos.

Quando não se atendia a este costume, o rapto era quase sempre o resultado e o casamento causava escândalo e desgosto, dando assunto ao falatório das *«más-línguas»*.

Não se viam — é certo — nestes casos, *«Amores de Perdição»*. Teresas e Marianas não apareciam; mas, no entanto, eram vulgares alguns sentimentos de Albuquerques... A obediência filial evitava motivos para estes agirem... Muito excepcionalmente, acontecia o contrário escandaloso...

Só nas tardes dos dias das grandes procissões da *Cinza* e de *Corpus Christi* os rapazes podiam namorar com um pouco de liberdade, durante umas escassas duas ou três horas. Depois disso, o namoro resumia-se a uma troca de olhares, quando eles voltavam às esquinas e elas os miravam, nos peitoris das janelas...

Em qualquer esquina, se via o jovem espreitando e aguardando a saída do pai da sua querida... Só depois disso o rapaz se aproximava da casa e iniciava os gargarejos ou a mímica, por ela atentamente compreendidos e respondidos.

A linguagem usada, manifestação romântica dos sentimentos e da educação da gente moça da época, era carinhosa, em expressões de *amor sentimento* e *delicadeza*, como lhe chamou o poeta da *«Ceia dos Cardeais»*.

Os rapazes, quando se encontravam e conversavam de seus devaneios, usavam uma linguagem, muitas vezes de sentido figurado, mas sempre delicada, ao referirem-se à sua paixão e à admiração pelos sentimentos e beleza da namorada e só depois do pedido para o casamento se estabelecia o tratamento de *«tu»* e o noivo entrava em convivência com a família da noiva.

É muito diferente o costume de hoje: seguidamente à aceitação da declaração de amor, começa o tratamento de *«tu»*, nas conversas dos namorados e o rapaz passa a relacionar-se com os pais e mais família e a entrar em casa deles, para falar com a rapariga inteiramente à vontade de ambos.

A antiga linguagem cerimoniosa acabou; os costumes mudaram... A linguagem é outra... Entre namorados ou no meio de rapazes amigos muitas vezes se ouvem, agora, diálogos que em nada abonam o primor de educação. Já não consideram *«o amor coração, o amor sentimento e delicadeza»*, como lhe chamou o poeta.

No Porto, como em qualquer outra terra do País, muitas vezes se ouvem os rapazinhos do chiquismo a dialogar mais ou menos assim:

Eh! Pá! A gaja é brutal, estupenda! Boa que se farta! E gosta de ti. É rica. Atira-te a ela, pá!

São estas as palavras que ouvi, sentado à mesa dum café e que foram pronunciadas junto doutra mesa, a meu lado. Apontei-as e servem-me bem para demonstrar a diferença da linguagem «realista» de alguns rapazes de agora, comparada com a linguagem romântica dos rapazes portuenses dos princípios e meados do século passado.

Do casamento de então, pouco há a dizer, diferente do que é na nosssa época. Era mais ou menos o mesmo.

A maior preocupação da noiva era o enxoval, os espartilhos e os engomados de algumas peças do que ia vestir, no maior e mais alegre dia da sua vida, o do seu noivado.

Depois de se realizar a cerimónia religiosa, em ambiente de grande respeito, seguia-se-lhe um lauto banquete, em casa dos pais da rapariga. Assistiam as pessoas consideradas mais amigas das duas famílias e até o padre, que realizara o acto, ali comparecia e ria com os outros convidados, dizendo graças e saboreando doces e copinhos de vinho do Porto. Parece-me ver assim esse ambiente.

Muitas ilusões; luxo na medida do possível nos recursos familiares. Como nos nossos dias, algumas desilusões, certamente, a espreitarem os noivos, para, no futuro, muitas ou poucas vezes, os alvejarem com o sofrimento.

As desilusões e a morte são cruéis e irrevogáveis condições do custo da vida...

Manuel Lavrador

Carta de Lisboa

Continuação da primeira página

da base de cultura que lhe espreitei, talvez por insuficiência do guia seu esposo, apenas uma impressão forte levava da nossa terra: as nossas péssimas estradas. Sorri. Não valia a pena fazer mais perguntas...

DIZ-SE que o «slogan» que o nosso Turismo irá desencadear na sua campanha externa será: «O Verão vai passar o Inverno a Portugal». O trocadilho está bem achado, está feliz e poderá por vezes estar certo. Oxalá os elementos nos ajudem e o «slogan» constitua o chamariz que se pretende.

O domingo passado, por exemplo, meti-me no carro e fui fazer os clássicos quilómetros da pacatez domingueira: estrada marginal rumo ao Estoril. E o «slogan» afirmava a sua verdade, esplendorosamente. Em Santo Amaro e em Carcavelos havia banhistas; os «greens» do Club de Golf do Estoril estavam cheios e cheios estavam também as esplanadas do Tamariz. Que privilégio o nosso gozar um Fevereiro como este quando a Europa do Norte é tão dolorosamente fustigada pela fúria dos vendavais!

Mas o diabo é que o Turismo não pode agarrar-se apenas a um «slogan» prometedor de Sol e ficar de braços cruzados contando com o favor dos elementos. É necessário que peça também alguma coisa à Junta Autónoma das Estradas e aos hotéis de província. É preciso que se tapem as covas e se aqueçam os quartos; é preciso que se alarguem as curvas e que funcionem as instalações de águas quentes; é preciso, etc., etc..

Porque se o lindo «slogan» falha... uns sorrisos amáveis e uma linda paisagem não chegam.

NA Sociedade Nacional de Belas Artes, a Exposição de Pintura e Escultura Inglesa Contemporâneas; no S. N. I., a Exposição de Arquitectura da África do Sul e outras três exposições adjacentes: uma de fotografias de Macau, uma de retratos fotográficos a cores e uma do Intercâmbio Mundial de Cerâmica.

Em boa verdade se poderá dizer que foi uma tarde mais ou menos mal gasta. Os artistas ingleses nenhuma mensagem nova nos trouxeram. Lá como cá, maus fados há.

Estou em crer que se amanhã, a Fundação Gulbenkian fizer o inverso, isto é, se resolver apresentar em Londres uma panorâmica da pintura portuguesa contemporânea, a avaliar por aquilo que vimos na sua última realização, a representação portuguesa apresentaria no seu todo um nível mais digno do que este que está patente na SNBA. De assinalar a impecável disposição e organização, como de resto já nos vamos habituando a ver em tudo em que a Fundação Gulbenkian põe o dedo.

Quanto ao que nos foi dado ver no SNI, quase não valeria a pena falar.

A Exposição de Arquitectura Sul-Africana, além de pequena, peca pela falta de técnicidade, pela ausência do detalhe, pela omissão interiores. E' mais uma exposição de fotografias do que aquilo a que estamos habituados como exposições de Arquitectura.

A exposição fotográfica do nosso distante Macau, não vai além de 32 trabalhos, alguns deles de fraca qualidade: — é um documentário de curta metragem que se vê e que se esquece no dia seguinte.

A exposição do Intercâmbio Mundial de Cerâmica, para um apaixonado de cerâmica como eu sou, não satisfaz e tem um baixo nível em proporção ao grande número de peças expostas e ao número de países participantes. O primeiro prémio é da República da China Popular, e muito justamente.

E' possível que este Intercâmbio Mundial de Cerâmica obedeça a quaisquer características e regulamentos especiais que eu desconheço, pois uma participação italiana com os seus prestigiados ceramistas da craveira de um Fantoni, dum Zaccagnini ou de um Gamboni, por exemplo, elevaria imediatamente o nível do certame e alteraria, por certo, as decisões do Júri. Mas, dentro do que ali estava, parece-me que o Júri esteve à altura.

Quanto à exposição de retratos coloridos de ilustres individualidades e de meninas da alta sociedade, pareceu-nos boa dentro da especialidade.

À saída regalei os olhos na enorme tela de Dordio Gomes que decora aquele vestíbulo do SNI. Foi o que valeu.

Lisboa, 19 de Fevereiro 1962

Gonçalo Nuno

Mestre Waldemar da Costa falou ao LITORAL

Continuação da primeira página

orientados por Mestre Waldemar da Costa.

São produto do seu trabalho os quadros que estão agora patentes ao público de Aveiro, no salão nobre do Teatro Aveirense.

Pelo valor dos quadros expostos, e acima de tudo pelo que eles representam como esforço dum grande pintor luso-brasileiro, resolvemos entrevistar o Mestre, o camarada maior que se tem imposto pelo seu saber e pelo autêntico espírito que norteia o verdadeiro guia de aptidões artísticas em evolução.

Pergunta: Já conhecia o meio académico coimbrão, antes de ser professor no Círculo de Artes Plásticas?

Resposta: Vagamente; comecei a ter contactos com a camada estudantil de Coimbra quando, a convite do nosso Círculo, lá fui fazer uma retrospectiva da minha obra. Uma pequena retrospectiva, diga-se, pois o que interessava era provocar uma melhor compreensão do meu trabalho, evidenciando a linha evolutiva da minha expressão artística. Por falar de retrospectivas, tenho a dizer que estou a preparar uma exposição do género, mas, desta feita, mais completamente, pois abarca a minha obra desde 1928 até ao momento actual (60 trabalhos originais e 10 reproduções de outros que existem nos museus do Brasil e em colecções particulares).

Pergunta: Desde quando é que o Mestre Waldemar da Costa se dedica ao ensino?

Resposta: Foi em 1937 que comecei a dar aulas no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde fui professor de perspectiva e desenho. Mais tarde, fui contratado para o Museu de Arte de São Paulo (fundado por Assis Cateaubriand), na qualidade de professor de desenho e técnica da pintura.

Pergunta: Que razões levaram o Mestre a vir até Portugal? Razões de ordem profissional, sentimentais?

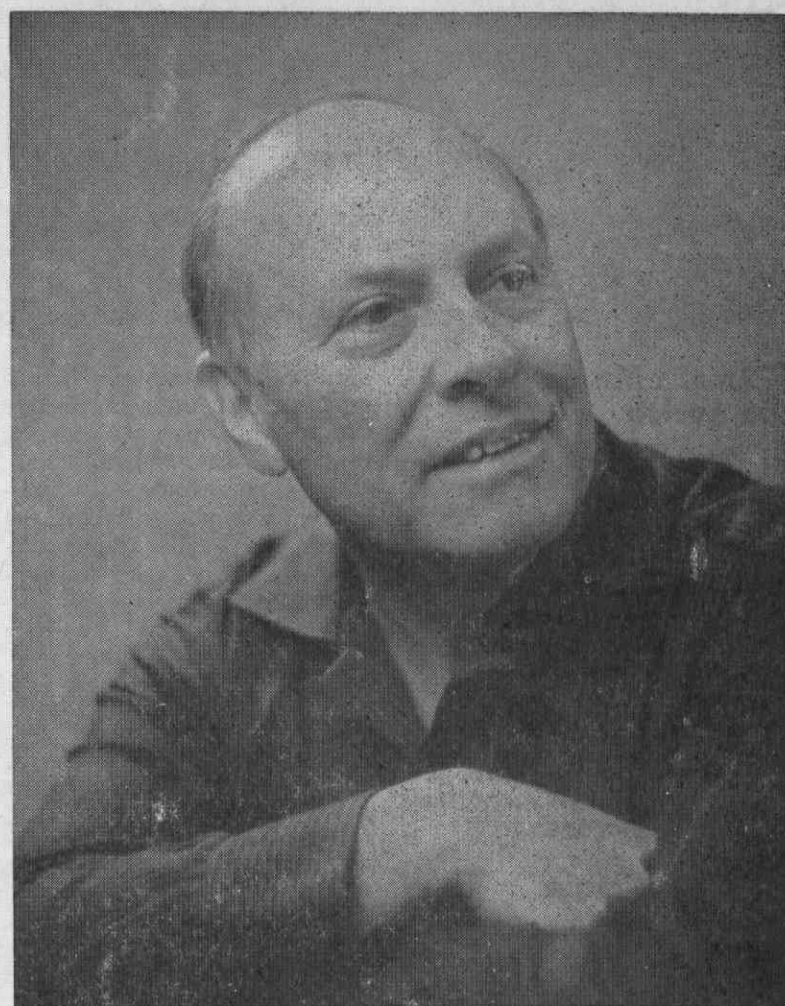
Resposta: Poderia responder dizendo que teriam sido razões de ordem profissional. Mas foi, principalmente, para mostrar Portugal e a Europa a minha esposa e prestar homenagem ao grande artista e meu amigo José Tagarro a quem dediquei a minha primeira exposição. Laços de sangue me ligam, por outro lado, a esta terra: meu pai era natural do Lorvão, próximo de Coimbra.

Pergunta: Quando os rapazes do Círculo de Artes Plásticas o convidaram para seu professor, que pensou da iniciativa?

Resposta: Pensei que no meio estudantil seria interessante desenvolver uma actividade formativa de camada. Isto, muito mais do que pretender vir a formar grandes pintores. Mas a verdade, e ainda que tal não se tivesse posto como objectivo fundamental do meu trabalho, tenho a dizer que, apesar do condicionalismo local, estão a aparecer no Círculo jovens que já revelam apreciáveis talentos, e mais: que poderão vir a ser grandes pintores num futuro mais ou menos próximo. Pena é que estes jovens só se dediquem às Artes Plásticas como actividade circum-escolar.

Dentre os meus antigos alunos do Brasil, já muitos hoje se destacaram na panorâmica das Artes Plásticas do meu país natal; Maria Leontina, Lothar Charoux, Hermelindo Fiaminghi, Clóvis Graciano. Dentro em breve, procurarei trazê-los até Portugal.

Pergunta: Diga-nos, Mestre, como desenvolve o seu trabalho de professor? Como enfrenta o aluno?

Resposta: O aluno, para mim, é um potencial de qualidades que procuro explorar sem, contudo, deixar que ele se expanda o mais naturalmente possível, não interpondo e, muito menos, impondo a minha maneira de ver e a minha forma de expressão estética. Não procuro fazer pequenos Waldemares. Procuro criar artistas auto-conscientes. Só assim explico que os meus alunos se tenham afirmado em correntes diferenciadas: ora abstractos, ora figurativos, ora concretistas.

No entanto, acho que nenhum aluno deve caminhar por escolas mais avançadas sem ter conseguido alicerçar bases bem estruturadas, de molde a adquirir uma consciência artística e profissional perfeita.

Gaspar Albino

O "Tide" na TV

Continuação da primeira página

prestígio. E, se bem se pensou, melhor se fez. O mamarracho, convenientemente aperaltado, de colarinho de goma, já sem o ar sopeiral dos primeiros tempos deu entrada na TV.

E o pior é que, no caso, não se faz propaganda seja ao que for. Só ao disparate. Não se prometem alguidares de plástico, cestos, toalhas, panos de cozinha. Mas conviria oferecer-se um prémio de resistência para o teléspectador que aguentasse, por mais de três minutos, um diálogo como o do último sábado.

O dito diálogo inspirava-se, sem vergonha alguma, num daqueles postais ilustrados do post-guerra de 14 que apresentavam, em cena bipartida, um par de namorados de telefone em punho e cara de paixão doce. Mas os do postal, quietinhos na cartolina, não falavam — enquanto estes, os da TV... santo Deus, o que eles disseram!

É evidente que a TV procede como entende e não dá quaisquer satisfações ao público, que deve permanecer humilde, embasbacado, lorpa, como um comensal de pensão económica diante de um prato de feijões com feijões. Os responsáveis, donos de grandes cabeças, deliberaram que o jogo do chute, o fado e o teatro tidesco correspondem, para já, às mais visíveis necessidades da teleassistência. E a teleassistência não tem que refilar. Antes lhe cumpre pereeber que uns raros apontamentos aproveitáveis, menos cretinos ou frívolas, são como o rebuçado solitário com que o papá, sempre justo, contempla o menino que comeu a sopa...

Jorge Mendes Leal

Junta Distrital de Aveiro

Convocação

De conformidade com a competência que me confere o n.º 1.º do art.º 320.º do Código Administrativo e tendo em vista o disposto no art.º 297.º do referido Código, convoco para os fins consignados na primeira parte do § 3.º do mesmo artigo, o Conselho do Distrito para a sessão ordinária a realizar no dia 9 de Março, próximo, pelas 15 horas, com a seguinte ordem do dia:

Discussão e votação do Relatório da Gerência referente ao ano de 1961.

JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO, 16 de Fevereiro de 1962

O Presidente da Junta,
António Rodrigues

Câmara Municipal de Aveiro

Foi-nos enviado o Relatório e Contas de 1961 da Câmara Municipal de Aveiro, presente ao Conselho Municipal, que reuniu, como oportunamente anunciámos, na penúltima sexta-feira.

O importante e bem elaborado documento administrativo merecer-nos-á, tanto como os relatórios anteriores a que já fizemos referência, mais detidas e pormenorizadas considerações.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

* Em 19, procedente de Setúbal, entrou o galeão a motor «*Praia da Saúde*», com cimento.

Pela Mocidade Portuguesa

* Reuniram-se recentemente com o ensaiador de Teatro da Mocidade Portuguesa de Aveiro, sr. Rui Lebre, os antigos e actuais componentes daquele conjunto cénico.

Ficou assente representar-se este ano, a tragédia «Castro» de António Ferreira. Os ensaios principiarão no próximo mês de Março.

* Encontram-se em período de organização os campeonatos regionais da Ala de Aveiro, nas modalidades de andebol, atletismo, basquetebol, ténis de mesa, tiro e voleibol.

O 2.º Concerto do Conservatório Regional

Como temos noticiado, o Conservatório Regional de Aveiro, em colaboração com a Pro-Arte, promove, no Teatro Aveirense, na próxima segunda-feira, dia 26, pelas 21.30 horas, o seu segundo concerto da presente temporada.

Serão intérpretes a pianista prof.ª D. Maria Cristina Lino Pimentel e a declamadora D. Maria Germana Tânger.

VI Festival Gulbenkian de Música

Durante os próximos meses de Maio o Junho, vai realizar-se o VI Festival Gulbenkian de Música, que voltará a incluir Aveiro, como no ano findo, entre as localidades em que a benemérita Fundação Calouste Gulbenkian promoverá a realização de concertos.

Em princípio, está prevista para 5 de Junho, em Aveiro, a actuação do *Orfeão Pamplonês*, que se compõe de 130 figuras.

Na Base Aérea de S. Jacinto

★ Encerramento do Curso de Promoção a Furriel de Abastecimento

Anteontem, na Base Aérea 7, em S. Jacinto, o sr. Brigadeiro Simão Portugal, Director do Serviço de Recrutamento e Instrução da Força Aérea, presidiu à cerimónia da entrega de diplomas aos alunos do Curso de Promoção a Furriel de Abastecimento.

Aquele oficial-general chegou a S. Jacinto cerca das 11 horas, sendo recebido pelo Comandante da Base de S. Jacinto, sr. Coronel Vasconcelos e Sá, e por todos os oficiais que ali prestam serviço. Uma esquadrilha e duas secções de praças do Serviço Geral prestaram as honras militares.

Antecedendo a cerimónia da distribuição dos diplomas, o sr. Alferes Abílio Fernandes da Cruz Gonçalves pronunciou uma alocução alusiva àquele acto.

Seguiu-se, a encerrar a cerimónia, um desfile das forças da Base de S. Jacinto.

Movimento dos Estudantes Universitários de Portugal

À semelhança do que se vem fazendo em diversas outras cidades do País, foi agora criada em Aveiro uma Delegação do M. E. U. P. — Movimento dos Estudantes Universitátrios de Portugal —, destinada a angariar fundos para auxílio material e moral aos estudantes do Ultramar que frequentam os estabelecimentos de ensino metropolitanos, dadas as dificuldades especiais que neste momento os apertam, especialmente aos estudantes goeses.

Quaisquer donativos podem ser enviados à Delegação de Aveiro do M. E. U. P., para a Secretaria do Liceu ou para Maria Isabel Rebocho (Estrada da Malhada-Aveiro).

Pelo Clube dos Galitos

Já no último número deste jornal demos conta das importantíssimas realizações que o prestigioso Clube dos Galitos em boa hora iniciou e que foram anunciadas em reunião de Imprensa realizada na penúltima quarta-feira.

A magnitude das iniciativas merece-nos, como tivemos oportunidade de acentuar, o melhor incentivo — e merece também o mais generoso amparo dos aveirenses.

Dificuldades de espaço impedem-nos de mais desenvolvidas considerações neste número; mas não deixaremos de as publicar, logo e sempre que nos seja possível.

★ Secção Filatélica

Realizou-se uma importante Assembleia Geral da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos.

Nela foi eleita a nova gerência; e, durante a magna reunião, foram ainda apreciadas inteligentes e oportuníssimas sugestões do actual Presidente da Direcção, sr. José da Purificação Morais Calado, reputado filatelista.

Esperamos poder dar mais desenvolvida notícia do importante acontecimento associativo.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	A L A
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVEIRENSE
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Cine-Clube

★ Sessão Infantil

Hoje, com início às 16 horas, o Cine-Clube de Aveiro promove, no salão de festas do Clube dos Galitos, mais uma sessão infantil de Cinema, em que se exibem as películas:

1 — «Uma boa Partida».
2 — «Mickey no Reino dos Anões».
3 — «Pica-pau Chaufeur Maluco».
4 — «Dois para a Panela».
5 — «Cara-Linda Navegante».

As Solenes Exéquias por alma do Sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes

CONFORME oportunamente anunciámos, em comemoração do trigésimo dia do falecimento do sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes e sufragando o saudoso Prelado, realizaram-se na Sé, na passada segunda-feira, solenes exéquias.

A meio da igreja, erguia-se uma eça, encimada pela mitra episcopal coberta de crepes.

Com início às 10 horas, celebrou-se um soleníssimo Pontifical de *Requiem*, de que foi celebrante o sr. D. Manuel dos Santos Rocha, Arcebispo de Mitilene, acolitado pelos rev.os Padre Manuel António Fernandes (Presbítero Assistente), Padre Dr. João Pedro de Abreu Freire (Diácono) e Padre Manuel da Silva Simão (Subdiácono).

Nos cadeirais superiores do altar-mor tomaram lugar os venerandos prelados que vieram a Aveiro assistir às cerimónias fúnebres: do lado do Evangelho, os srs. D. Francisco Maria da Silva, Bispo de Telmissus e Auxiliar de Braga; D. António Valente da Fonseca, Bispo de Vila Real; D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria; D. Florentino de Andrade e Silva, Bispo de Heliossebaste e Administrador Apostólico do Porto; e D. José Joaquim Ribeiro, Bispo de Egeia e Auxiliar de Évora; e, do lado da Epístola, os srs. D. Ernesto Sena de Oliveira, Arcebispo-bispo de Coimbra e Conde de Arganil; D. João da Silva Campos Neves, Bispo de Lamego; D. Abílio Augusto Alves das Neves, Bispo de Bragança e Miranda; D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda; D. António Cardoso da Cunha, Bispo de Báris de Písidia e Auxiliar de Beja; e D. José Pedro da Silva, Bispo de Tiava e Auxiliar do Patriarcado.

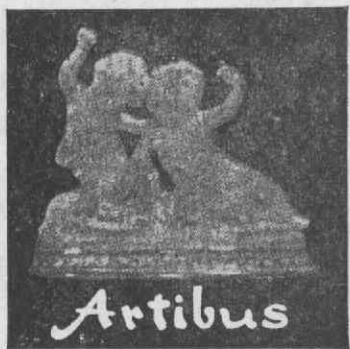
Noutros cadeirais, viam-se o Vigário Capitular de Aveiro, Mons. Júlio Tavares Rebimbas; Mons. Avelino Gonçalves, Director do «Novidades»; Mons. Aníbal Marques Ramos, Reitor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa; e membros do clero, regular e secular, da Diocese.

Em lugares especiais da capela-mor, assistiram às cerimónias os srs.: Governador Civil de Aveiro, Dr. Jaime Ferreira da Silva; Presidente da Câmara Municipal, Eng.º-agrónomo Henrique de Mascarenhas; Coronel A'lvaro Salgado, Comandante Militar de Aveiro; Dr. Artur Alves Moreira, Deputado pelo Círculo de Aveiro e Vice-presidente da Câmara Municipal; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto de Aveiro; e Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, Presidente da Junta Diocesana da Acção Católica.

No transepto da Catedral, viam-se as diversas autoridades civis e militares aveirenses. E, no corpo da igreja, estavam presentes numerosos fiéis, de que se destacavam, com estandartes, os representantes de diversos organismos da Acção Católica.

As cerimónias, que decorreram com a maior pompa litúrgica e no meio de respeitoso recolhimento, foram acompanhadas pela *Schola Cantorum* do Seminário de Santa Joana. Dirigiu-as o Rev.º Padre António de Almeida e explicou-as, ao microfone, o Rev.º Padre João Paulo da Graça Ramos.

O elogio fúnebre do saudoso Bispo de Aveiro, como também aqui anunciámos, foi proferido pelo sr. Bispo Auxiliar de Braga, D. Francisco Maria da Silva — natural da Diocese de Aveiro.

Terminada a oração fúnebre, o sr. Arcebispo de Mitilene, D. Manuel dos Santos Rocha, deu a última absolvição, junto da eça, enquanto a *Schola Cantorum* entoava o *Libera me*.

Rotary Clube

Na pretérita segunda-feira, no Restaurante Galo d'Ouro, efectuou-se nova reunião do Rotary Clube de Aveiro. Presidiu o sr. Dr. Fernando de Oliveira e a ela assistiram três rotários portuenses, um dos quais, o prestigioso Past-Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal) sr. Domingos Ferreira, procedeu à saudação à Bandeira Nacional.

O sr. Eduardo Cerqueira, Chefe do Protocolo, saudou os rotários visitantes e os representantes da Imprensa, seguindo-se às suas palavras a cerimónia da *Apresentação Rotária.*

Depois, apresentaram comunicações os srs. Carlos Manuel Gamelas (que se referiu à morte do desportista aveirense Domingos Calisto e à próxima Conferência do Distrito Rotário 176, a realizar em Maio na Figueira da Foz), Carlos Alberto Cachado e Coronel João Tavares; e, no *Período de Curiosidades,* usaram da palavra os srs. Eng.º Nobrega Canelas, Carlos Alberto Machado e João Belo.

Apresentou, então uma notável palestra em que falou brilhantemente sobre o tema «As Reivindicações Sociais e o Rotary», o sr. Domingos Ferreira. No seu trabalho, muito apreciado e aplaudido, o palestrante fez alusão às celebrações mundiais do 57.º aniversário do Rotary Internacional — que naquela precisa data se iniciavam — e referiu-se às origens, actividades e desígnios do movimento rotário.

O comentário da reunião foi feito pelo sr. Eng.º Nóbrega Canelas.

Falaram, depois, antes do encerramento da reunião, o Presidente do Rotary Clube de Aveiro, sr. Dr. Fernando de Oliveira, em saudação de agradecimento ao palestrante e em cumprimento aos visitantes e representantes da Imprensa, e o sr. Domingos Ferreira, para se referir ao prestimoso apoio que o Rotary tem encontrado nos jornais, entre todos distinguindo o *Litoral* com amáveis palavras.

cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 24 — Os srs. Mário Gonçalves Andias, José Agostinho da Costa Portugal, Artur José Lopes Lobo, António Joaquim da Costa Pinho e Dr. Jaime Luís Neves, ausente em Moçambique; a estudante Maria Manuela Morgado da Silva Avelino, filha do sr. Tenente João da Silva Avelino, ausente em Luanda; e as meninas Ana Lúcia Tavares de Sá, filha do sr. Raul de Sá Seixas, e Maria José, filha do sr. Rui Sousa Torres Vilas.

Amanhã, 25 — A sr.as D. Carolina Patoilo Cruz, esposa do sr. António Simões Cruz, e D. Virgínia de Melo Campos Trindade Silva, esposa do 1.º Sargento sr. Luís Trindade Silva; o sr. Benjamim de Moura Carvalho; e a menina Zèzinha Justiça, filha do sr. José Vagos da Silva Justiça, ausentes em Nova Lisboa (Angola).

Em 26 — As sr.as D. Maria Júlia Simões Amaro e D. Graciete Rebelo da Silva Ladeira.

Em 27 — Mons. Aníbal de Oliveira Marques Ramos, Reitor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa; os srs. Eng.º Ricardo Maia dos Reis, José da Silva Freire e António da Silva Ferreira, empregado de «A Lusitânia»; e a menina Maria da Soledade Lebre do Amaral.

Em 28 — A sr.ª D. Maria de Lourdes Gamelas Cardoso Morais, esposa do sr. Manuel Morais, os srs. Mariano Marques de Almeida, Francisco António da Costa Vieira Gamelas, filho do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas, e António José Fernandes Praça, filho do sr. Ernesto Júlio Rodrigues Praça; e a menina Isabel Maria, filha do sr. João Senhorinho Vitor.

Em 1 de Março — Mons. Manuel Miller Simões; as sr.as D. Maria Rosa Martins Pedreiras, esposa do sr. Agostinho de Almeida, e D. Maria de Lourdes da Graça Cunha, viúva do saudoso Dr. Artur Cunha; os srs. Domingos Simões e João Carlos Gadim de Almeida; e a menina Maria da Graça, filha do sr. Mário Gonçalves Andias.

Em 2 — A sr.ª D. Maria José Freitas dos Reis, esposa do sr. Joaquim dos Reis; os srs. Dr. Manuel dos Neves, Humberto Trindade, Augusto Tavares de Almeida e Sargento-ajudante Sub chefe de Música João António Salgado; e a menina Georgina Simões Leal, filha do saudoso Sidónio Mendes Leal.

DIRECTOR DO MUSEU

O sr. Dr. António Manuel Gonçalves, ilustre e dinâmico Director do Museu Regional de Aveiro, acaba de ser nomeado vogal-secretário da Comissão Portuguesa do Conselho Internacional dos Museus (I. C. O. M.).

Por esta honrosíssima distinção, o *Litoral* felicita efusivamente o sr. Dr. António Manuel Gonçalves, seu distinto colaborador.

DR. JOSÉ RIBEIRO

Assumiu recentemente elevadas funções da sua especialidade na importante empresa Companhia Portuguesa de Celulose o sr. Dr. José Carlos Ribeiro.

Personalidade muito conhecida e estimada no meio aveirense, o sr. Dr. José Ribeiro exercia proficientemente o magistério na Escola Técnica de Aveiro, de que é professor efectivo e onde dirigiu criteriosamente e superiormente o Curso Geral de Comércio.

Na altura em que, por via das suas novas funções, o distinto professor deixou a cátedra na Escola Técnica, os seus colegas homenagearam-no com um almoço, que se realizou na Pousada de Santo António de Serém.

Aos brindes, usou da palavra o ilustre Director da Escola, sr. Dr. Amadeu Cachim, que enalteceu as qualidades do homenageado, sublinhando os notáveis serviços prestados ao estabelecimento de ensino onde durante muitos anos leccionou.

O sr. Dr. José Ribeiro agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e a homenagem dos seus muitos colegas e admiradores, tecendo judiciosas considerações sobre a missão do professor.

O *Litoral* associa-se ao justíssimo preito e formula sinceros votos pelas felicidades pessoais e profissionais do sr. Dr. José Carlos Ribeiro.

ENG.º CORRÊA DE SÁ

Foi nomeado Director de Estradas do Distrito de Viseu o sr. Eng.º Luiz de Pinho Corrêa de Sá, que exerceu idênticas funções. durante anos, no Distrito de Aveiro, tendo aqui granjeado a sincera estima de numerosíssimos amigos, pelas suas virtudes cívicas e raras qualidades profissionais.

Ao sr. Eng.º Corrêa de Sá desejamos as maiores venturas no exercício do seu novo e elevado cargo.

Bailes

★ Hoje, Sábado Magro, como já referimos, realiza-se no Teatro Aveirense, a partir das 21 horas, o Baile de Carnaval que a Banda Amizade anualmente dedica aos seus sócios e respectivas famílias.

★ Amanhã, com início às 15 horas, a «Orquestra Aloma» promove, no salão de festas da Sociedade Recreio Artístico, uma «*matinée» dançante.*

★ No próximo sábado (Sábado Gordo), no Teatro Aveirense, realiza-se, com início marcado para as 21 horas, o tradicional Baile de Carnaval oferecido pela Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes aos seus sócios e famílias.

Actuarão as orquestras «Danúbio» e «Ibéria».

Continuações da última página

DESPORTOS

FUTEBOL

Beira-Mar — V. Guimarães

de Ferreirinha. E o médio vimaranense, que acompanhara a jogada, entrou com dicisão no lance e logrou vencer os *backs* e o *keeper* de Aveiro. E, no preciso momento em que Bastos se aprestava para segurar o esférico, Virgílio tocou-o para as redes aveirenses.

●

Na medida em que se entendam os termos *forte* e *feio*, respectivamente como querendo significar, no que respeita ao futebol exibido pela turma aveirense, que ele foi sólido e valente e se processou num sistema despido de artificialismos, de processos ultrapassados e de superfluidades de galeria — podemos sintetizar o prélio de domingo na frase *Jogo «forte e feio»... em vez de sobrecarregado de exibicionismos...*

●

De entrada, os beiramarenses foram mais ameaçadores. Mas a lesão que Diego cedo sofreu, forçando-o a trocar com Calisto, veio a tornar menos lúcida a manobra do sector atacante dos negro-amarelos.

Assim, puderam os vimaranenses equilibrar a contenda. E à turma minhota ficaram a pertencer os melhores esquemas de *association*, sobretudo a meio-campo.

Contudo, e por evidente mérito da segura defesa do onze de Aveiro, os atacantes vimaranenses não podiam corresponder ao acertado labor dos seus compartimentos recuados.

Com o 1-0 que se verificava ao intervalo, na passagem da meia-hora, e com o jogo a desenrolar-se em ritmo muito vivo, Ferreirinha desferiu um remate que levou a bola à barra! E a recarga de Augusto Silva teria dado um empate — que não escandalizaria... — ao grupo de Guimarães, se o seu próprio avançado-centro Amaro não tivesse desviado a bola...

Apesar de consentir certa ascendência territorial aos vimaranenses a meio-campo, o Beira-Mar, em jeito de contra-ataque bem posto em prática — mas, muitas vezes, prejudicado por deslocações assinaladas em larga escala ao «ponta de lança» mais veloz (Garcia) —, foi mais rematador, mais incisivo, mais acutilante. Por isso, aos 43 m. (Garcia) e aos 56 m. (Calisto), a contagem só não subiu por manifesto azar.

●

Atingida a derradeira meia hora do prélio, e com a obtenção do seu segundo golo, os beiramarenses subiram: mais tranquilos, e com o adversário, ferido de morte, a lutar sem grande convicção, elevaram ainda sua vantagem. E, então, várias vezes estiveram à beira de ampliar o *score*...

Mas foram os vimaranenses que lograram amenizar a conta final, obtendo o seu ponto de honra — um tento amplamente merecido, acentue-se.

●

Pelas responsabilidades que recaíam sobre todos os futebolistas, que tardaram a serenar os nervos, a qualidade do fufebol não foi famosa. O estado de espírito e o nervosismo dos jogadores condicionaram a apresentação de um *association* modesto — que, todavia, foi valorizado por permanente emoção, gerada pela incerteza que durante largo período se manteve no marcador.

No Beira-Mar — turma que trocou um improdutivo sistema de jogo repisado, em que se abusava de passes laterais, por um sistema mais rectilíneo e objectivo — evidenciaram-se: Chaves, bom, esclarecido e activo orientador; todo o bloco defensivo; Jurado e Azevedo, batalhadores incansáveis; e Garcia, em nítido retorno à forma que o notabilizou no ano findo.

Diego merece um aceno de simpatia, pela combatividade e pelo descernimento com que actuou; e o jovem Calisto, também em inferioridade física, é credor de uma palavra de estímulo e incentivo — já que, indesfarçàvelmente a acusar o período de aclimatação ao ritmo do torneio máximo, procurou cumprir, não decepcionando, antes pelo contrário...

No Vitória, de Guimarães — equipa que, como a do Beira-Mar, nos deixa supresos pela sua modesta posição — salientaram-se: Ferreirinha, Caiçara, Silveira, Virgílio e Pedras.

●

O árbitro, aqui e ali comprometido pelos «bandeirinhas», teve trabalho regular. Falhou, quanto a nós, na aplicação da lei da vantagem, por pretender ser excessivamente meticuloso neste capítulo.

Arquivo da Prova

Aveiro, actuou um Vitória de Guimarães que igualmente alinha no sector dos clubes preocupados; e, em Matosinhos, jogou o Atlético, turma (mesmo desfalcada...) inteiramente tranquila.

Falta-nos referir o comportamento do guia e do seu imediato... O Sporting, em casa, ganhou bem, e folgadamente; o Porto, no recinto do seu vizinho Salgueiros (lanterna-vermelha) *sentiu enormes e não previstas dificuldades para obter o solitário golo em que se fixou a sua esperada vitória...*

REGISTO

II Divisão Nacional

A ronda de domingo proporcionou êxito pleno à representação aveirense, que somou quatro triunfos, dois deles em ambientes estranhos (Espinho e Sanjoanense).

E assim é que o Feirense voltou a ter dois pontos sobre os seus perseguidores mais directos (dado que o Marinhense, com surpresa geral, cedeu, em casa, um empate ao Boavista) — em cnjo número se encontra o Sporting de Espinho. Mas, agora, enquanto a Oliveirense intranquila ainda, melhorou a sua posição, também a Sanjoanense nos surge com fortes credenciais para a disputa dos postos cimeiros.

Entretanto, na cauda da tabela, o Cernache igualou o Caldas...

Marcas da jornada:

Feirense, 4 — Vianense, 0
Braga, 2 — Torriense, 0
Oliveirense, 2 — Peniche, 1
Marinhense, 0 — Boavista, 0
Caldas, 0 — Espinho, 1
Vila Real, 1 — Sanjoanense, 2
Cernache, 1 — C. Branco, 1

Mapa da classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	17	10	3	4	43-22	23
Espinho	17	7	7	3	31-19	21
Marinhense	17	9	3	5	32-20	21
Braga	17	9	3	5	27-17	21
Boavista	17	7	6	4	21-16	20
Sanjoanense	17	8	3	6	30-28	19
Peniche	17	7	4	6	33-20	18
Vianense	17	7	3	7	18-22	17
C. Branco	17	6	4	7	22-31	16
Oliveirense	17	7	2	8	19-27	16
Torriense	17	6	3	8	14-23	15
Vila Real	17	5	1	11	23-29	11
Caldas	17	3	4	10	12-32	10
Cernache	17	4	2	11	21-39	10

III Divisão Nacional

Mercê dos desfechos de domingo, parece-nos muito provável a qualificação de qualquer dos *teams* aveirenses para a subsequente e decisiva fase do torneio. E grande o seu atraso em relação aos grupos do Porto — e sòmente o Lamas possui, nesta altura, algumas fundadas (mas remotas...) aspirações.

Agora, só por sensacional reviravolta no normal desenrolar da competição as equipas da Associação de Futebol de Aveiro poderiam chegar a um dos dois postos cimeiros.

● Resultados do dia:

Tirsense, 3 — Arrifanense, 1
Vilanovense, 3 — Lusitânia, 1
Varzim, 2 — Leça, 0
Lamas, 3 — Ovarense, 2

● Tabela de classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Vilanovense	5	5	—	—	14-4	10
Varzim	5	4	—	1	8-3	8
Leça	5	3	—	2	11-5	6
Lamas	5	3	—	2	7-10	6
Arrifanense	5	1	1	3	7-10	3
Lusitânia	5	1	1	3	5-11	3
Tirsense	5	1	—	4	7-10	2
Ovarense	5	1	—	4	4-10	2

● Jogos para amanhã — *Arrifanense-Ovarense, Lusitânia-Tirsense, Leça-Vilanovense e Varzim-Lamas.*

Provas Distritais

II Divisão

Na ronda de abertura, apuraram-se um êxito para os visitados e um êxito para os visitantes — aquele por margem tangencial e por *score* volumoso:

Paços Brandão, 0 — Alba, 6
Bustelo, 3 — Anadia, 2

No final das primeiras partes dos aludidos prélios, já os albergarienses ganhavam por 4-0, e os anadienses comandavam por 1-0.

● Jogos para amanhã — Alba-Bustelo e Anadia-Paços de Brandão.

Juniores

A SANJOANENSE revalidou o título

Os desfechos da penúltima jornada da prova determinaram já a ordenação final dos concorrentes Vencendo, em terreno dos seus antagonistas, e bisando os êxitos da primeira volta, Sanjoanense e Beira-Mar qualificaram-se para representar Aveiro no Campeonato Nacional.

Mas a Sanjoanense — mercê de um triunfo obtido quase no termo do seu prélio em Águeda — conseguiu ainda assegurar, desde já, o título que ostentava desde a época finda. Foram felizes os sanjoanenses — tanto pela circunstância referida, como ainda pelo azar que perseguiu os seus mais firmes opositores (Beira-Mar), que, em A'gueda, tiveram de retirar com um empate por errada decisão do juiz de campo, que os impediu de conquistar o triunfo que alcançaram na realidade...

É que, sem essas contrariedades, os beiramarenses ainda tinham amanhã, no Estádio de Mário Duarte, ensejo de discutir a questão do título, no seu encontro final com a Sanjoanense.

Resultados do dia:

Feirense, 1 - Beira-Mar, 5
Recreio, 1 - Sanjoanense, 2

● Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	5	5	—	—	15-5	15
Beira-Mar	5	3	1	1	15-8	12
Recreio	5	1	1	3	7-10	9
Feirense	5	—	—	5	7-21	5

● Jogos para amanhã — *Beira-Mar-Sanjoanense* (1-3) e *Recreio-Feirense* (3-2).

Xadrez de Notícias

São amanhã de novo interrompidos os dois mais importantes campeonatos nacionais de futebol, para se realizarem as partidas correspondentes à segunda mão da segunda eliminatória da Taça de Portugal.

Os jogos são os seguintes: C. U. F. — Benfica (1-2), Porto — Beira-Mar (2-1), Oriental — Sporting (1-6), Peniche — Belenenses (0-6), Seixal — Lusitano de Évora (0-1), Farense — Académica (1-3), Barreirense — Vianense (0-2), Sanjoanense — Montijo (0-1), Marinhense — Vitória de Setúbal (0-1) e Feirense — Leixões (3-3).

O jogo entre feirenses e leixonenses foi marcado para Ovar e adiado para terça-feira de Carnaval.

Está marcada para esta noite, às 20.30 h., a Assembleia Geral do Spart Clube Beira-Mar que deverá eleger os futuros dirigentes da colectividade.

Hoje, pelas 22 horas, em S. João da Madeira, as equipas do Sporting de Espinho e do Tourcoing Sports, de Paris, campeãs de Portugal e da França, defrontam-se em jogo da Taça dos Campeões Europeus de Voleibol (equipas femininas).

Amanhã, no Estádio das Antas, o jogo F. C. do Porto — Beira-Mar será dirigido pelo árbitro sr. Mário Costa, de Braga. Na turma beiramarense, e segundo se diz, deverão estrear-se oficialmente na primeira equipa dois elementos (Correia e Girão), devendo também reaparecer Paulino e Violas — futebolistas que o treinador O'scar Tellechea pretende apreciar em partidas de competição.

Basquetebol

nortenhas, por se encontrarem pendentes da resolução de um protesto dum clube concorrente ao campeonato regional do Porto.

Mas, salvo melhor opinião, parece-nos que já houve tempo de sobra para resolver o caso. E urge resolvê-lo sem mais demoras, para, ao menos, se salvar um pouco o abalado prestígio da modalidade.

Em nota final, lembramos ainda à Comissão Administrativa da Associação de Basquetebol de Aveiro a ingente conveniência que terá, na defesa dos seus filiados com ingresso na prova em questão (Sangalhos, Galitos e Esgueira), de fazer uma deligência junto das entidades superiores, protestando contra o actual situação da modalidade; sendo necessário, poderia ainda a Associação de Basquetebol de Aveiro significar o seu desgosto pelo incumprimento dos prazos das suas congéneres (primeiro Coimbra, agora o Porto...), referindo, inclusivamente, que se viu forçada a obrigar um filiado (Galitos) a jogar três encontros (Esgueira, Recreio de Águeda e Sangalhos, na final) numa semana, e teve ainda necessidade de fazer disputar uma finalíssima para atribuir o título e determinar a ordenação dos seus representantes.

O início da prova é que não pode compadecer-se com mais atrasos ou demoras: nem que, para tanto, haja necessidade de se recorrer a medidas drásticas! Doam a quem doer — já que, como diz o rifão, *para grandes males... grandes remédios...*

Campeonato Distrital de Juniores

★ A competição prosseguiu, com perfeita normalidade, no domingo, apurando-se os resultados que a seguir indicamos:

Sanjoanense, 40 — Cucujães, 32
1.ª parte: 11-11. 2.ª parte: 29-21

Sangalhos, 31 — Galitos, 44
1.ª parte: 14-22. 2.ª parte: 17-22

★ Jogos para amanhã — *Sanjoanense — Recreio (D.-V.) e Sangalhos — Illiabum (53-29).*

Campeonato Distrital de Infantis

★ Prosseguiu o torneio, com os prélios da segunda jornada, em que se apuraram estes desfechos:

Sangalhos, 30 — Amoníaco, 19
1.ª parte: 12-10. 2.ª parte: 18-9

Avanca, 17 — Esgueira, 32
1.ª parte: 5-18. 2.ª parte: 12-14

★ Jogos para amanhã — *Sangalhos — Avanca e Esgueira — Amoníaco.*

Ciclismo

do Cerveira, Oliveirense. m.t.; 3.º — Manuel Amorim, Ovarense, 3 h. 8 m. 55 s.; 4.º — Artur Carreira, Sangalhos, 3 h. 11 m. 12 s.; 5.º — David de Sousa, Sangalhos, m. t.; 6.º — Miguel Coelho Marques, Oliveirense, 3 h. 11 m. 18 s.; 7.º Antonino Baptista, Sangalhos, 3 h. 11 m. 45 s.; 8.º — Jacinto de Oliveira, Ovarense, 3 h. 12 m. 25 s.; 9.º — Carlos Alberto Pires, Oliveirense, 3 h. 12 m. 43 s.; 10.º — João Gomes, Ovarense, 3 h. 16 m. 5 s.; 11.º — Fernando Henriques da Silva, Sangalhos, 3 h. 20 m. 45 s.; 12.º — Silvino Epifânio, Oliveirense, m. t.; 13.º — António Bastos Leite, Sangalhos, m. t.; 14.º — Américo Castanheira, Sangalhos, m. t..

Desistiram: Fernando Simões e Carlos Simão, ambos da Oliveirense, Américo Rocha, da Ovarense, e Mannel Grade, do Sangalhos.

Média do vencedor: 35,176 km./h., num percurso de 110 quilómetros, com partida e chegada a Sangalhos.

AMADORES-JUNIORES

1.º — João José Borges, Ovarense, 2 h. 12 m. 45 s.; 2.º — Horácio Santos, Oliveirense, m. t.; 3.º — Ramiro Sá Ferreira, Ovarense, 2 h. 13 m. 20 s.; 4.º — Daniel Santos, Sangalhos, m. t.; 5.º — Amadeu José Silva, Sangalhos, m. t.; 6.º — António Pereira, Sangalhos, 2 h. 14 m. 5 s.; 7.º — Manuel Cadima, Sangalhos, m. t.; 8.º — Armando Soares Reis, Ovarense, m. t.; 9.º — Manuel Luís da Costa, Ovarense, 2 h. 14 m. 50 s.; 10.º — Carlos Dias, Sangalhos, 2 h. 17 m. 55 s.; 11.º — Benjamim Almeida, Sangalhos, 2 h. 20 m. 20 s.; 12.º — Mário da Silva, Sangalhos, 2 h. 25 m. 15 s..

Desistiram: António de Amorim Ferreira, da Ovarense, e Miguel Paiva Coelho, do Sangalhos.

Média do vencedor: 33,910 km./h., num percurso de 75 quilómetros, com partida e chegada a Sangalhos.

1.ª Prova de Preparação

Amanhã, a Associação de Ciclismo de Aveiro promove a primeira das suas provas de preparação anunciadas para 25 de Fevereiro e 4 de Março.

Os amadores-juniores sairão pelas 9.30 horas, para um trajecto de 80 kms., no percurso seguinte: Ovar — Furadouro — Torreira — S. Jacinto e volta.

Os independentes darão duas voltas no itinerário indicado, por forma a completarem 120 kms.. A partida destes velocipedistas foi marcada para as 9 horas.

A GINÁSTICA, O SPORTING DE AVEIRO E A CIDADE

CONTINUAÇÃO DA ÚLTIMA PÁGINA

A Classe Juvenil Feminina do Sporting de Aveiro num momento da sua exibição, no Teatro Aveirense, em Junho do ano findo

minina, com 26 alunas dos 11 aos 15 anos, também funciona nos dias citados, das 19 às 20 horas; finalmente, temos, às segundas e quintas-feiras, das 18 às 19 horas, as aulas dos 15 alunos (dos 11 aos 15 anos) da Classe Juvenil Masculina.

P. — A Classe de Adultos, que esteve anunciada, por que não está em funcionamento?

D.C. — Não principiaram ainda as suas aulas, apesar de contarmos desde logo com a animadora inscrição de 20 interessados, porque, infelizmente, nos surgiram imprevistas e intransponíveis contrariedades para o seu normal funcionamento. Fàcilmente se compreenderá que, numa classe de homens, há determinadas exigências de todo em todo imprescindíveis: é o caso, por exemplo, do duche (preferentemente o duche quente...)

Na falta deste e doutros requisitos, e na ausência, por agora, de instalações apropriadas, resolvemos adiar para melhor ensejo a abertura dessa classe.

P. — Que podem dizer-nos sobre o aproveitamento dos alunos?

F.C. — Parece-nos óptimo, mesmo para os alunos que se inscreveram mais tarde, já com as classes a funcionar. Os professores, competentes e devotados, têm intenso trabalho, mas de resultados excelentes, o que nos causa natural satisfação.

P. — E que pensam sobre a frequência dos cursos?

D.C. — As faltas são diminutas, sobretudo entre os mais petizes; mas os nossos cursos estão aquém de nos satisfazer em pleno. Era de esperar uma maior frequência de alunos, embora a saibamos grandemente prejudicada pelos horários e pelos afazeres escolares, precisamente nos estudantes (4.ª classe primária) em idades de maior assimilação, aproveitamento e rendimento.

F. C. — Mas, o que é também um facto incontroverso é que a cidade ainda não acordou com os olhos bem abertos para os benefícios que dos cursos advêm para os jovens. Era de exigir algo mais da cidade...

P. — Quem poderá frequentar as classes do Sporting de Aveiro?

F. C. — Os filhos dos sócios do Clube, mediante uma propina mensal de 20$00

D. C. — Será também de anotar que temos mantido, e manteremos as antigas inscrições dos alunos que se inscreveram nos nossos primeiros cursos, mesmo sem serem filhos de associados do Sporting de Aveiro. A respectiva propina é de 30$00 mensais. Direi ainda que temos também seis alunos (quatro rapazes e duas raparigas, todos da Classe Infantil Mista B), refugiados de Goa, que resolvemos isentar de quaisquer propinas.

P. — E haverá qualquer outra formalidade na admissão dos alunos?

D. C. — Apenas o exame médico, a obsequioso cargo do sr. Dr. Jorge Leite da Silva, que, de resto, dispensa a todos os cursos a necessária assistência clínica.

P. — Têm previstas, para o decorrente ano, quaisquer realizações concernentes aos cursos em actividade?

F. C. — Tencionamos assinalar o seu encerramento, em 30 de Junho, com o já tradicional sarau.

D. C. — E confirma-se, ainda, a deslocação a Lisboa, em meados de Abril, da Classe Juvenil Feminina, para participar, no Pavilhão dos Desportos, no Sarau Anual do Sporting Clube de Portugal.

F. C. — E, temos a certeza, a nossa representação não nos envergonhará — e, antes, servirá de precioso estímulo para as moças dessa classe e de incentivo, também, para todas as restantes.

●●●

Finda a conversa atrás reproduzida, e recordando ainda as respostas à nossa última pergunta, ficámos com interesse em registar também algumas palavras da sr.ª Prof.ª D. MARIA HELENA PAULO E SILVA.

Aproveitando o curto intervalo entre as aulas da Classe Infantil Mista B e da Classe Juvenil Feminina, fomos gentilmente atendidos.

E a ligeira entrevista decorreu assim:

— Muito trabalho, minha senhora?

— Sim, sobretudo porque a classe que agora terminou é bastante numerosa, alguns alunos são irrequietos e outros, necessàriamente, não podem atingir o nível da maioria, forçando toda a classe a uma evolução mais retardada.

E prosseguindo:

— Mas estou satisfeita, pois o aproveitamento é, de facto, muito bom, e até mesmo os mais *perros* em geral depressa se adaptam ao ritmo do curso.

— E há muitas ou poucas faltas às lições?

— Pouquíssimas! Ainda assim, as moças maiores são as mais renitentes, mas todas elas são boas discípulas.

— Tem quaisquer dificuldades na orientação das suas classes?

— Existem, realmente, certos óbices, que condicionam o grau de aproveitamento. Pretendo referir-me à falta de material adequado, que, a partir de certa altura, gera falta de interesse pelas lições, obrigando-me a inventar números de reduzido proveito para fugir à monotonia provocada por repetições supérfluas...

E, ante o nosso espanto, a sr.ª D. MARIA HELENA PAULO E SILVA continuou:

— Quase não temos aparelhos, encontrando-se em mau estado os poucos de que ainda dispomos: os plintos, por exemplo, não possuem condições, o que bastante me contrista, já que, com um mínimo de condições propícias, se atingiria um melhor rendimento e um aproveitamento mais firme e elevado.

Concluindo, e referindo-se ainda às deficientes condições em que se vê forçada a dar aulas, a nossa amável entrevistada disse-nos depois:

— Há poucos dias, recebi os programas do Concurso Nacional da M. P. F., verificando, com enorme satisfação, que em Aveiro podia conseguir uma excelente equipa, pois nela podia incluir as alunas da Classe Juvenil Feminina. Dos exercícios livres não tinha qualquer receio. Contudo, sofri grande decepção e funda tristeza ao verificar, logo a seguir, que nada poderia fazer em exercícios de suspensão e equilíbrio elevado... apenas porque, muito lamentàvelmente, em Aveiro não possuímos material apropriado (traves). Tenho alunas, excelentes e de muitas possibilidades... mas não tenho material que me consinta prepará-las!

●●●

Ia começar nova aula. Por isso demos por finda a agradável conversa.

E, como eco que em nós se repercutia, ficou o derradeiro passo — autêntico lamento — das palavras da sr.ª D. Maria Helena Paulo e Silva. E é esse mesmo eco que nos leva a formular um pedido às competentes entidades:

Ofereça-se ao Sporting de Aveiro, dotando-o com os indispensáveis aparelhos ginásticos, a possibilidade de, no futuro, trilhar um caminho menos eriçado de espinhosos escolhos, proporcionando aos jovens da nossa terra um mais seguro meio de moldarem, em apropriada forja, as suas frágeis estruturas físicas.

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO DA PROVA

Resultados gerais:

Belenenses, 2 — Académica, 0
Covilhã, 2 — Benfica, 1
Olhanense, 0 — Lusitano, 1
Salgueiros, 0 — Porto, 1
Leixões, 2 — Atlético, 0
Sporting, 3 — C. U. F., 0
Beira-Mar, 3 — Guimarães, 1

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	17	12	4	1	41-10	28
Porto	17	12	3	2	31-9	27
Benfica	17	10	4	3	46-26	24
Atlético	17	8	3	6	27-23	19
Belenenses	17	7	4	6	33-26	18
C. U. F.	17	7	4	6	21-21	18
Académica	17	7	2	8	32-32	16
Lusitano	17	7	2	8	23-25	16
Olhanense	17	5	5	7	23-27	15
Covilhã	17	5	4	8	21-25	14
Leixões	17	6	2	9	28-43	14
Guimarães	17	5	3	9	27-30	13
Beira-Mar	17	3	4	10	24-43	10
Salgueiros	17	2	2	13	15-52	6

Finalmente, o Beira-Mar conseguiu somar nova vitória — a sua terceira vitória nos dezassete encontros que já realizou no torneio máximo!

Para nós, aveirenses, foi este o facto dominante duma jornada que, segundo acreditamos, marcou a firme e decidida determinação dos futebolistas negro-amarelos de fugirem às últimas posições da tabela.

No plano geral, a competição teve, no domingo, fartos motivos de interesse.

Primeiro que tudo, deverá registar-se o êxito do Sporting da Covilhã sobre o Benfica — a afastar (quem sabe se defitivamente?) os campeões europeus da época finda dos grupos da frente, e, também, a dar novos alentos e abrir novas perspectivas de fuga à cauda da tabela ao grupo serrano.

Virá, depois, uma referência à partida do Algarve, em que o Olhanense perdeu a sua invencibilidade caseira ante o Lusitano de Évora, que estreou *um novo orientador (Otto Bumbel). O jogo foi de grande azar para os visitados, que falharam dois* penalties *e que, para cúmulo da infelicidade, marcaram nas próprias redes o único tento da partida... Melhoraram os alentejanos e pioraram os algarvios — que, ambos, ficam ainda em zona intranquila...*

O mesmo sucedeu à Académica, que sofreu uma derrota perfeitamente natural ante o Belenenses.

Beira-Mar e Leixões, dois dos mais aflitos, venceram duas turmas de diferente disposição: em

Continua na página 6

A GINÁSTICA, O SPORTING DE AVEIRO E A CIDADE

Um exercício de ginástica educativa, por alunos da Classe Infantil Mista B do Sporting de Aveiro

Desporto que se encontra — ou deveria encontrar-se sempre — na base de todos os outros desportos, para bem se traduzir o real significado da célebre máxima *mens sana in corpore sano*, a Ginástica não é, geralmente, acarinhada como merece.

Existem excepções — honrosíssimas excepções — e em Aveiro podemos, felizmente, deparar com um desses apetecidos oásis do nosso pobríssimo panorana desportivo provinciano. Devotadamente, sacrificadamente, e sem um mínimo de apoio compensador para o seu enorme e benemerente sacrifício, o Sporting Clube de Aveiro mantem, há quatro anos consecutivos, cursos ginásticos regulares e orientados num plano prèviamente marcado no sentido de imediato benefício para a mocidade da nossa terra.

Nestas colunas, e por mais de uma vez, temos relevado a ingente e valorosíssima actividade dos leões aveirenses neste importante sector. Mas não é nunca demais falar-se destes temas, sempre actuais e sempre aliciantes. Obra de inestimável valor, ela, por si só, serve para dignificar e para honrar os seus mentores e os seus executantes — no caso da nossa terra uns e outros identificados com as operosas gerências do Sporting Clube de Aveiro, após o vitalizador impulso do saudoso Dr. José Clemente, a grande *alma-mater* de todo o movimento ginástico no Clube que tanto estremeceu e engrandeceu.

As escolas de ginástica do Sporting de Aveiro funcionam no ginásio do Liceu. E foi lá que, há dias, nos encontrámos com os dedicados dirigentes srs. FAUSTO CASTILHO e DOMINGOS CAMPOS, enquanto os alunos de uma das classes infantis ritmadamente executavam os exercícios da sua lição.

E, em jeito de amena e amiga conversa, conseguimos uma palpipante o momentosa série de informações, gentil e amàvelmente cedidas por aqueles nossos interlocutores. São essas as informações que hoje damos a conhecer os nossos leitores, através do diálogo que a seguir reproduzimos, e no qual, às nossas perguntas responderam os citados dirigentes.

P. — As aulas quando se iniciaram?

F.C. — Em 10 de Outubro do ano findo.

P. — E, esta temporada, a quarta consecutiva, segundo sabemos, quem as orienta?

D.C. — Temos dois professores: a sr.ª D. Maria Helena Paulo e Silva, que vai já no seu terceiro ano de serviço no Sporting de Aveiro; e o sr. Sargento Fernando Amaral, que este ano veío substituir o sr. Prof. António José Castanho, que se ausentou para o Porto e, como se conhecia, foi o primeiro professor de Ginástica das nossas classes.

F.C. — Direi também, como resposta a essa pergunta, que a sr.ª D. Maria Helena Paulo e Silva tem a seu cargo três classes — Infantis Mista A, Infantil Mista B e Juvenil Feminina; e que o sr. Sargento Fernando Amaral orienta a Classe Juvenil Masculina.

P. — Qual a frequência e quais os horários das mencionadas classes?

F.C. — Ora tome nota: a Classe Infantil Mista A, com 36 alunos dos 4 aos 6 anos, tem aulas às terças e sextas-feiras, das 17 às 18 horas; a Classe Infantil Mista B, com 63 alunos dos 7 aos 10 anos, funciona nos aludidos dias, das 18 às 19 horas; a Classe Juvenil Fe-

Continua na página 7

JOGO "FORTE E FEIO"... EM VEZ DE SOBRECARREGADO DE EXIBICIONISMOS...

Beira-Mar, 3 — V. Guimarães, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Clemente Henriques, coadjuvado pelos srs. Cid Gomes (bancada) e Armando Faria (peão) todos da Comissão Distrital do Porto.

BEIRA-MAR — Bastos; Valente, Liberal e Moreira; Evaristo e Jurado; Calisto, Garcia, Diego, Chaves e Azevedo.

V. GUIMARÃES — Ramin; Caiçara, Silveira e Freitas; João da Costa e Virgílio; Romeu, Ferreirinha, Amaro; Pedras e Augusto Silva.

●

1-0 aos 12 m., em golo de GARCIA. Em lance muito movimentado, Azevedo veio ao lado direito efectuar um centro, que Ramin defendeu, com oportuno soco na bola, que Azevedo voltou a centrar sobre a baliza. Foi então que Garcia, numa clareira de adversários e companheiros, aplicou um vistoso pontapé de bicicleta na bola, que se anichou nas redes minhotas. Foi um golo espectacular!

2-0, aos 63 m., em novo golo de GARCIA. A jogada teve origem em Moreira, que passara para médio, por troca com Evaristo, momentos antes. A bola foi tocada para Diego, em passe longo; o centro-avançado pisou a bola, esperou pela solicitação de Garcia e cedeu-lhe depois o esférico em excelentes condições. Seguiu-se uma rápida progressão do interior direito beiramarense, pela zona frontal, concluída com um remate que bateu Ramin, apesar deste ainda ter tocado na bola.

3-0, aos 76 m., em golo de CHAVES. Numa vistosa combinação com Diego, e coroando uma actuação plena de utilidade para a sua turma, o interior esquerdo aveirense internou-se e apareceu no flanco direito, entre Silveira e Ramin, a vencer a oposição de ambos com um toque de habilidade de que lançou a bola para além da linha de golo.

3-1, aos 78 m., em golo de VIRGÍLIO. Eufóricos pela conquista do avanço de três golos, os defesas aveirenses foram pouco rápidos e algo confusos, ao pretenderem anular um cruzamento

Continua na página 6

Basquetebol

Ainda o "caso" do protelado início do CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Está ainda sem solução o «caso» do início do Campeonato Nacional da II Divisão, a que nos referimos no nosso penúltimo número, de 10 do corrente mês.

Os clubes nortenhos (Aveiro, Coimbra e Porto) encontram-se parados, já para além de um mês, com manifesto prejuízo para os jogadores e para os clubes — pois as sessões de treino vão sendo cada vez menos produtivas e frequentadas, pelo desinteresse (natural e humano) dos atletas, a quem falta o poderoso incentivo das competições.

E os clubes — esses grandes sacrificados para quem a carolice pelo basquetebol só cria preocupações e despesas! — vão ver a sua actividade normal prolongada (os treinos não podem parar...), não se sabendo até que altura do ano! E, para além do mais, vão ficar com a forma dos seus *cincos* em condições técnicas muito precárias, pela ausência de embates regularmente realizados.

Por informação que directamente colhemos junto da Federação Portuguesa de Basquetebol, sabemos que a prova — com início previsto para 15 de Janeiro findo! — não principiou, nas subséries

Continua na página 6

Ciclismo

Duplo triunfo da OVARENSE na PROVA DE ABERTURA

Como aqui anunciámos, a Associação de Ciclismo de Aveiro promoveu, no pretérito domingo, a sua *Prova de Abertura*, com competições destinadas a independentes e a amadores-juniores.

Estiveram presentes ciclistas da Associação Desportiva Ovarense, da Associação Oliveirense de Futebol e do Sangalhos Desporto Clube — tendo-se evidenciado, pelos triunfos obtidos, dois corredores vareiros: Laurentino Mendes, em independentes, e João José Borges, em amadores-juniores.

Apuraram-se os seguintes resultados:

INDEPENDENTES

1.º — Laurentino Mendes, Ovarense, 3 h. 7 m. 9 s.; 2.º — Fernan-

Continua na página 6